

Felipe de Azevedo Piovezan

**ANÁLISE DA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA DE
ALGORITMOS DE CRIPTOGRAFIA BASEADOS EM
CURVAS ELÍPTICAS**

Tese submetida ao Curso de Bacharelado em Ciência da Computação para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciência da Computação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Villar dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. Daniel Santana de Freitas

Florianópolis - Santa Catarina

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor

Maiores informações em:
<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Felipe de Azevedo Piovezan

**ANÁLISE DA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA DE
ALGORITMOS DE CRIPTOGRAFIA BASEADOS EM
CURVAS ELÍPTICAS**

Esta Tese foi julgada aprovada para a obtenção do Título de “Bacharel em Ciência da Computação”, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Ciência da Computação.

Florianópolis - Santa Catarina, 02 de Dezembro 2015.

Prof. Dr. Renato Cislaghi
Coordenador

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniel Santana de Freitas
Coorientador

Prof. Dr. Luiz Cláudio Villar dos Santos

Prof. Dr. José Luís Almada Güntzel

Prof. Dr. Daniel Santana de Freitas

AGRADECIMENTOS

TBC

“Nevermore”

The Raven

RESUMO

A criptografia de chaves públicas (PKC), ou criptografia assimétrica, uma das bases para a comunicação segura pela internet, fornece as primitivas para a troca de chaves, autenticação de usuários e assinatura digital. A maioria dos algoritmos de PKC usados atualmente são baseados em conjecturas de teoria dos números, como a dificuldade da fatoração de inteiros ou a dificuldade de alguma versão do logaritmo discreto. Este último, quando usado na versão de curvas elípticas, permite o uso de chaves e assinaturas menores para o mesmo nível de segurança de outros algoritmos, o que é interessante em ambientes com recursos limitados.

Durante o desenvolvimento dos algoritmos assimétricos, os principais nodos da rede eram grandes servidores e desktops. Recentemente, porém, a escala dos dispositivos que estabelecem comunicação segura pela internet está diminuindo consistentemente: dos laptops e celulares, até sensores e etiquetas RFID, todos necessitam de um canal seguro. Essa miniaturização, no entanto, veio acompanhada de restrições de processamento e de suprimento energético, o que conflita com o fato que algoritmos de PKC são computacionalmente caros: como, então, utilizá-los em ambientes com recursos limitados? O presente trabalho pretende, a partir de simulações, avaliar o gasto energético do sistema de memórias de processadores executando algoritmos de criptografia de curvas elípticas, bem como o impacto que técnicas de otimização têm na eficiência energética.

Palavras-chave: Palavras chave

ABSTRACT

The realm of public-key (asymmetric) cryptography (PKC) is considered to be one the pillars of secure communication over the internet, since it includes user authentication, key exchange and digital signatures. PKC algorithms in use are mostly based in certain number-theoretic conjectures, like the difficulty of integer factorization or the difficulty of some discrete-log problem. The latter, when used in the elliptic curve setting, allows for shorter keys and signatures while maintaining the same security level of other algorithms, which is interesting in a resource constrained environment.

During the development of the first asymmetric algorithms, most nodes in a network were either desktops or servers. Recently, however, the scale of the devices partaking in secure communications over the internet has been steadily decreasing: from laptops and cellphones to sensors and RFID tags, they all require a secure channel. This miniaturization is responsible for new restrictions on the processing power and battery supply available to each node, which directly conflicts with the fact that PKC algorithms are computationally expensive. What then is the best way to employ those algorithms in such restricted devices? Through the use of simulations, this work will evaluate the energy cost of the memory system of processors executing elliptic curve algorithms, as well as the impact that certain optimization techniques have on energy efficiency.

Keywords: keywords

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exemplo de uma curva elíptica sobre $GF(13)$	31
Figura 2	Exemplo de uma curva elíptica sobre \mathbb{R}	32
Figura 3	Somando pontos em uma curva elíptica sobre $GF(13)$..	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tamanho de chave (em bits) necessário para que os algoritmos ECC e RSA forneceram segurança equivalente.....	26
----------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LISTA DE SÍMBOLOS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
2	CONCEITOS BÁSICOS EM CRIPTOGRAFIA..	27
2.1	SESSÕES SEGURAS	27
2.2	CURVAS ELÍPTICAS	30
2.3	<i>ELLIPTIC CURVE DIFFIE HELLMAN</i>	35
3	TRABALHOS CORRELATOS.....	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Os protocolos utilizados para comunicação segura, sejam eles aqueles utilizados por browsers (como o TLS), por terminais (como o SSH) ou até mesmo em aplicações da internet das coisas ((RESNER; FRÄHLICH, 2015)), dependem de duas grandes classes de algoritmos criptográficos: os simétricos e os assimétricos. Embora a transferência de dados propriamente dita seja feita com algoritmos simétricos, como o AES, o esbecimento do canal seguro é, de modo geral, iniciado com o uso da classe assimétrica, a qual permite a definição de um chave secreta conhecida apenas pelos participantes da conversa. Essa chave passa a ser utilizada pelo resto da sessão segura em algoritmos simétricos.

De modo geral, observa-se que algoritmos simétricos possuem implementações extremamente simples, podendo ser otimizados para diferentes configurações de processadores. É o caso do *Rijndael* (DAEMEN; RIJMEN, 1999), vencedor da competição que elegeu o *Advanced Encryption Standard* (AES), cuja implementação pode ser feita executando-se operações matemáticas ou com o uso de *look-up tables* que variam de tamanho: 256 bytes, 1KB ou 4KB. Desse modo, permite-se a execução do AES em processadores com diferentes configurações de memória. Tamanha flexibilidade não ocorre por acaso: o algoritmo foi desenvolvido com esse objetivo, visto que a competição incluiu critérios como requerimento de memória, eficiência computacional e simplicidade para avaliação dos candidatos (NECHVATAL et al., 2000).

Por outro lado, os algoritmos assimétricos possuem implementações complexas pela natureza do problema que propõem: muitos deles estão associados ao uso de conjecturas da teoria dos números sob domínios de ordem muito grande, isto é, trabalham com conjuntos cuja cardinalidade precisa de centenas de bits para ser representada. Um dos algoritmos mais famosos dessa classe, o RSA, é baseado na dificuldade da fatoração de inteiros e trabalha com números na ordem de 1024 bits. Pode-se perceber, então, um dos possíveis inconvenientes que esse algoritmo trás: a aritmética de números desse tamanho não é trivial de ser implementada, principalmente se considerarmos que processadores utilizados em, por exemplo, redes de sensores trabalham com registradores de 8 ou 16 bits¹.

Nesse cenário, as técnicas baseadas em curvas elípticas (ECC) mostraram-se muito interessantes por propiciarem um mesmo nível de segurança para um menor tamanho de chave. De acordo com (LENSTRA;

¹É o caso do *Atmel ATmega* (8 bits) ou do *Texas Instruments MSP430* (16 bits)

VERHEUL, 2000), a equivalência entre os tamanhos de chaves para as duas técnicas pode ser resumida na tabela 1. Pode-se notar que a diferença chega próximo de uma ordem de magnitude em muitos casos, e, de fato, este é um dos argumentos utilizados na RFC que adiciona algoritmos de ECC ao protocolo TLS (BLAKE-WILSON et al., 2006).

Apesar dos algoritmos de ECC possibilitarem a redução no tamanho das chaves, a implementação de criptografia de chaves públicas em ambientes com recursos limitados ainda é vista como um desafio pelo meio acadêmico (WENGER; UNTERLUGGAUER; WERNER, 2013).

ECC	RSA
163	1024
233	2048
283	3072
409	7680

Tabela 1: Tamanho de chave (em bits) necessário para que os algoritmos ECC e RSA forneceram segurança equivalente.

2 CONCEITOS BÁSICOS EM CRIPTOGRAFIA

A presente seção pretende introduzir o leitor aos conceitos básicos de criptografia, iniciando por definições clássicas, seguido dos conceitos relacionados à criptografia simétrica. O material desta seção é baseado principalmente no trabalho de Goldreich (GOLDREICH, 2006) e nas notas de aula do professor Charles Rackoff (RACKOFF, 2014), apresentando apenas uma síntese do conteúdo. O leitor interessado na bela teoria que suporta a criptografia é incentivado a consultar as referências indicadas. Embora não seja fundamental ao entendimento do resto deste trabalho, a primeira parte do capítulo é importante por situar o leitor no contexto em que a criptografia assimétrica é necessária.

Em seguida, o conceito de curva elíptica é apresentado, assim como operações necessárias à definição do logaritmo discreto. Um conhecimento básico de teoria de grupos é assumido, embora os conceitos mais importantes sejam revisados. Muitos dos exemplos e definições utilizados são baseados no anexo A do padrão IEEE 1363, (IEEE..., 2000).

2.1 SESSÕES SEGURAS

A aplicação mais tradicional de criptografia, aquela descrita por um usuário comum de informática, encontra-se no estabelecimento de **sessões seguras** (*secure sessions*). Isto é, duas pessoas, A e B , tendo um segredo em comum (daqui em diante chamado de **chave**), gostariam de se comunicar através de um canal potencialmente inseguro. Com alguma frequência, A gostaria de mandar algo¹ (**texto em claro**, *plaintext*) para B ; denotar-se-á por **mensagem** tudo aquilo que A gostaria de enviar para B , embora A esteja restrito a enviar uma fração de tal mensagem por vez. Considera-se também a existência de um adversário ADV computacionalmente irrestrito, limitado a ouvir tudo que A envia pelo canal. Informalmente, A gostaria de cifrar a mensagem de modo que ADV não possa descobrir nenhuma informação sobre a mesma.

Tal cenário motiva a primeira definição aqui apresentada:

Definição 1 Diremos que uma chave é um $K \in \{0, 1\}^n$, onde $K = K_1 K_2 \dots K_n$, e uma mensagem é um $M \in \{0, 1\}^m$, onde $M = M_1 M_2 \dots M_m$.

¹Tratamos de comunicação unidirecional aqui por simplicidade, todos os conceitos podem ser expandidos para um canal bidirecional.

Uma encryption function é uma função

$$Enc : \{0, 1\}^m \times \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^*$$

Uma decryption function é uma função

$$Dec : \{0, 1\}^* \times \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^m$$

Requer-se do par (Enc, Dec) a seguinte **condição de corre-tude**:

$$\forall M \in \{0, 1\}^m, \forall K \in \{0, 1\}^n Dec(Enc(M, K), K) = M$$

Informalmente, $Enc(M, K)$ é entendido como a mensagem M cifrada que A envia a B , o qual aplica Dec para retornar ao texto em claro. É importante insistir na condição de corretude, uma vez que ela garante que qualquer mensagem cifrada por Enc será corretamente produzida por Dec , desde que a mesma chave seja usada em ambas as funções².

Pode-se agora descrever o que seria uma função segura. Existem diversas definições provadamente equivalentes na literatura, por simplicidade a definição seguinte é adotada neste trabalho:

Definição 2 O par (Enc, Dec) é dito **perfeitamente seguro** se, para toda $f : \{0, 1\}^* \rightarrow \{0, 1\}^m$, a seguinte proposição é válida:

Considere o experimento em que M é escolhida de modo aleatório de $\{0, 1\}^m$ e K é escolhida de modo aleatório de $\{0, 1\}^n$. Então deve ser verdade que:

$$P[f(Enc(M, K)) = M] = 1/2^m$$

Isto é, um adversário vendo a mensagem cifrada não consegue adivinhar o valor de M com probabilidade maior do que se ele simplesmente escolhesse uma mensagem aleatória. Note que o fato do adversário estar ilimitado computacionalmente é representado pelo fato de que ele é modelado como uma função arbitrária na definição.

No caso em que $n > m$, não é difícil provar a existência de um par (Enc, Dec) perfeitamente seguro: as funções $Enc(M, K) = M_1 \oplus K_1 M_2 \oplus K_2 \dots M_m \oplus K_m$ e $Dec(X, K) = X_1 \oplus K_1 X_2 \oplus K_2 \dots X_m \oplus K_m$

²É comum nos referimos ao par (Enc, Dec) quando queremos discutir alguma propriedade criptográfica, visto que as duas funções geralmente estão relacionadas para conferir corretude. É um exercício interessante pensar como seria fácil obter segurança sem o requerimento de corretude.

satisfazem a definição³. Na prática, porém, essa definição não é muito interessante, visto que gostaríamos de trabalhar com chaves pequenas (algumas centenas de bits) e mensagens de tamanho arbitrário⁴. Essa necessidade entra diretamente em conflito com o seguinte teorema:

Teorema 1 *Se $m > n$ então nenhum (Enc, Dec) é perfeitamente seguro.*

A prova, embora simples, é omitida por estar fora do escopo do trabalho. Para contornar esse teorema poderoso, adicionaremos a restrição de que ADV deve ser um algoritmo o qual executa em tempo polinomial (em relação a n) e definiremos uma classe de funções com a qual trabalharemos.

Definição 3 *Um gerador de funções (Function Generator) F associa a cada $n \in \mathbb{N}$ e a cada $k \in \{0, 1\}^n$ uma função $F_k : \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^n$ de modo que exista um algoritmo com tempo de execução polinomial (em n) o qual compute $F_k(x)$.*

Exige-se que tais geradores de função sejam **pseudo-aleatórios**, isto é, um adversário não consegue distinguir entre um F_k (para um k escolhido aleatoriamente) e uma função escolhida aleatoriamente $f : \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^n$ com probabilidade superior a $1/n^c$ para todo c e para n suficientemente grande.

Assume-se que os algoritmos AES e DES se comportem como geradores de funções pseudo-aleatórios⁵. O primeiro, por exemplo, associa uma chave k de 128 (196 ou 256) bits com a função AES_k e é esta função que A tipicamente usa para enviar sua mensagem para B . De fato, esses algoritmos são construídos de modo as que funções geradas sejam também permutações, permitindo que se utilize $Enc = AES_k$ e $Dec = AES_k^{-1}$. A razão pela qual simplesmente assumimos que geradores de função pseudo-aleatórios existam é devido ao fato dessa ser uma afirmação mais forte que $P \neq NP$, e somos incapazes de provar isso. De fato, uma condição necessária para a segurança de toda criptografia moderna é que $P \neq NP$, embora essa não seja uma condição suficiente.⁶

³Tal função é conhecida como *one-time pad* na literatura.

⁴Embora o termo arbitrário seja utilizado, na prática espera-se que esse número seja muito inferior a 2^n

⁵Um pequeno abuso é feito nessa afirmação, visto que esses algoritmos são definidos para alguns poucos valores de n .

⁶O leitor intrigado por essa observação pode notar que não basta ser difícil quebrar um sistema criptográfico no pior caso, e é essa noção que é capturada pelo

2.2 CURVAS ELÍPTICAS

Até esse momento, assumiu-se que A e B haviam previamente combinado uma chave para efetuar a comunicação segura. Tal hipótese pode ser suficiente para ambientes em que poucos pares precisam se comunicar, porém não é adequada para a maioria dos outros cenários. Essa observação motiva o principal objetivo da criptografia assimétrica: como fazer com que duas pessoas possam trocar alguns poucos parâmetros através de um canal inseguro e, ao final da comunicação, ambas compartilhem uma mesma chave desconhecida a qualquer adversário manipulando o canal?

Atualmente, esse objetivo é atingido com o uso de algumas conjecturas da teoria dos números. Uma delas é a dificuldade (de alguma versão) do problema do logaritmo discreto. Neste trabalho, estamos interessados na variação de curvas elípticas do problema, o assunto da presente seção.

Definição 4 *Uma curva elíptica E sobre o corpo finito $GF(p)$, onde p é um número primo ímpar, é o conjunto:*

$$\begin{aligned} E = \{ (x, y) \mid & y^2 = x^3 + ax + b \\ & \wedge \quad x, y, a, b \in GF(p) \\ & \wedge \quad 4a^3 + 27b^2 \neq 0 \pmod{p} \} \cup \{O\} \end{aligned}$$

onde a e b são constantes relacionadas a curva e O é chamado de ponto no infinito.

Pode-se também criar uma curva elíptica sobre $GF(2^m)$, cuja definição é dada a seguir, embora os demais conceitos desse capítulo sejam tratados apenas para o caso de $GF(p)$ para evitar demasiadas repetições. É importante lembrar, porém, que a escolha do grupo tem implicações tanto no modo como seus elementos são representados em memória como na definição de operações e algoritmos.

Definição 5 *Uma curva elíptica E sobre o corpo finito $GF(2^m)$, é o conjunto:*

$$\begin{aligned} E = \{ (x, y) \mid & y^2 + xy = x^3 + ax^2 + b \\ & \wedge \quad x, y, a, b \in GF(2^m) \quad \wedge \quad b \neq 0 \} \cup \{O\} \end{aligned}$$

problema $P \neq NP$. É possível construir um sistema criptográfico para o qual o problema de distinguir Enc é NP-Completo, embora exista um algoritmo eficiente que o resolva em 99% dos casos (GOLDREICH, 2006).

onde a e b são constantes relacionadas a curva e O é chamado de ponto no infinito.

Definição 6 O número de elementos de uma curva elíptica E é chamado de **ordem** de E e é denotado por $\#E(GF(q))$.

Para ilustrar as definições, considere a curva E dada por

$$y^2 = x^3 + x + 5$$

sobre $GF(13)$. Os pontos de E são:

$$\{O, (1, 4), (1, 9), (3, 6), (3, 7), (8, 5), (8, 8), (10, 0), (11, 4), (11, 9)\}$$

e $\#E(GF(13)) = 10$.

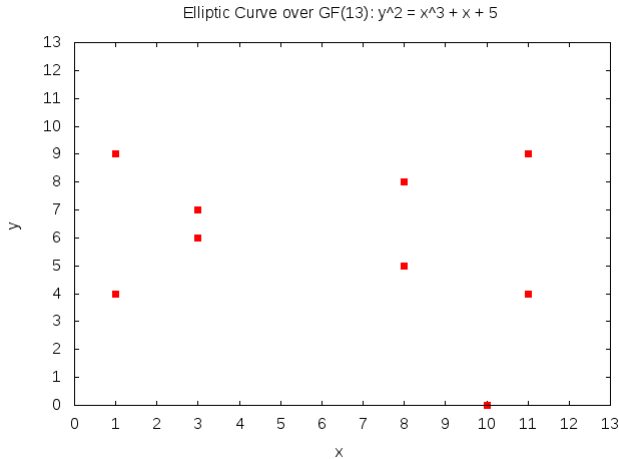


Figura 1: Exemplo de uma curva elíptica sobre $GF(13)$

A figura 1 ilustra os pontos da curva sobre $GF(13)$ e, para comparação, a mesma curva é desenhada sobre os reais na figura 2. Como se pode observar, a troca de domínio muda consideravelmente a aparência da curva.

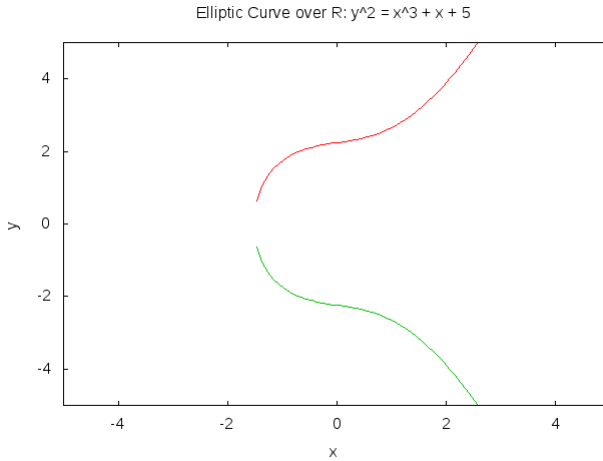


Figura 2: Exemplo de uma curva elíptica sobre \mathbb{R}

SOMA(P_1, P_2)

```

1  if  $P_1 = O$ 
2      output  $P_2$  and stop.
3  if  $P_2 = O$ 
4      output  $P_1$  and stop.
5  Set  $x_1 = P_1.x$ 
6  Set  $y_1 = P_1.y$ 
7  Set  $x_2 = P_2.x$ 
8  Set  $y_2 = P_2.y$ 
9  if  $x_1 \neq x_2$ 
10     Set  $\lambda = (y_1 - y_2)/(x_1 - x_2)$ 
11 else
12     if  $y_1 \neq y_2$  or  $y_2 = 0$ 
13         Output  $O$  and stop.
14     Set  $\lambda = (3x_1^2 + a)/(2y_1)$ 
15 Set  $x_3 = \lambda^2 - x_1 - x_2 \pmod p$ 
16 Set  $y_3 = (x_2 - x_3)\lambda - y_2 \pmod p$ 
17 output  $(x_3, y_3)$ 

```

Uma operação de soma (+) pode ser definida sobre uma curva elíptica de modo a torná-la um grupo e, assim, poderemos definir o problema do logaritmo discreto sobre esse conjunto. Intuitivamente,

tem-se que a soma de dois pontos $P_1 + P_2$ é o ponto P_3 com a propriedade que P_1 , P_2 e $-P_3$ são colineares. Para um ponto $P = (x, y)$, define-se $-P = (x, -y)$. Por clareza, definimos a soma de dois elementos de E para o caso de $GF(p)$ através do algoritmo SOMA, conforme (IEEE..., 2000). As linhas 1–4 tratam o ponto no infinito, O , como o elemento neutro da operação. No caso em que os pontos não possuam a mesma coordenada x , as linhas 9–10 calculam o coeficiente angular da reta secante que passa por P_1 e P_2 , enquanto calcula-se o coeficiente da reta tangente a curva em um dos pontos quando $P_1 = P_2$ (linha 14). Caso os pontos difiram apenas na coordenada y , então temos $P_1 = -P_2$ e o algoritmo retorna o elemento neutro (linhas 12–13). Por fim, as linhas 15–16 utilizam o coeficiente mencionado anteriormente para calcular as coordenadas de P_3 .

Note que, embora os termos como coeficiente angular e reta tangente sejam utilizados, os quais estão normalmente relacionados a funções sobre o domínio dos reais, o algoritmo opera sobre $GF(13)$, logo todas as operações de soma, subtração, multiplicação ou divisão que aparecem no algoritmo SOMA devem ser realizadas *mod* p . Isso ilustra uma das primeiras dificuldades de implementação de algoritmos relacionados a curvas elípticas: as operações de multiplicação e inversão em $GF(p)$ não são triviais.

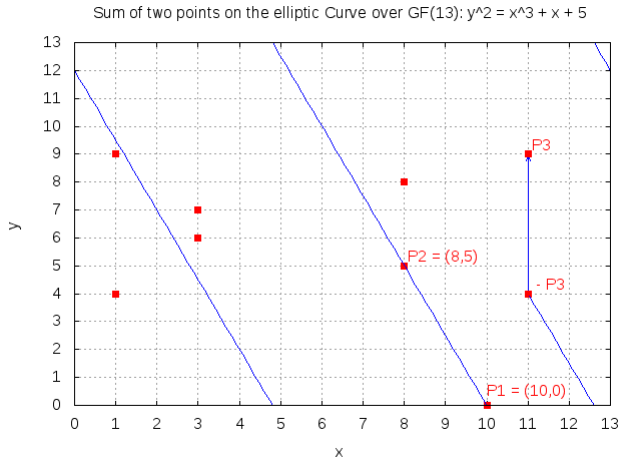


Figura 3: Somando pontos em uma curva elíptica sobre $GF(13)$

Com isto em mente, a intuição dada pelo domínio real ajuda a

visualizar a soma em $GF(p)$. Utilizando a mesma curva do exemplo anterior, a figura 3 ilustra a adição dos pontos $P_1 = (10, 0)$ e $P_2 = (8, 5)$. Primeiro, a reta que sai de P_1 e passa por P_2 é traçada. Quando esta reta atinge os limites do gráfico, isto é, uma de suas coordenadas atinge o valor 13 (ou 0), pode-se entender que a operação de módulo é aplicada, efetivamente continuando a reta no lado oposto do gráfico. Tal procedimento é repetido até que um ponto de E , aqui chamado de $-P_3$, seja encontrado, de modo que P_1 , P_2 e $-P_3$ sejam colineares. A soma de P_1 e P_2 é dada então por P_3 . Note ainda que, caso dois pontos tenham a mesma coordenada x , a reta que passa por ambos está na vertical e, portanto, nunca tocará um terceiro ponto de E que não seja o ponto no infinito, O .

Algebricamente, teríamos que:

$$\begin{aligned}\lambda &= (y_1 - y_2)/(x_1 - x_2) \mod p \\ &= (0 - 5)/(10 - 8) \mod 13 \\ &= -5/2 \mod 13 \\ &= 8 * 7 \mod 13 \\ &= 4\end{aligned}$$

$$\begin{aligned}x_3 &= \lambda^2 - x_1 - x_2 \mod p \\ &= 4^2 - 10 - 8 \mod 13 \\ &= 11\end{aligned}$$

$$\begin{aligned}y_3 &= (x_2 - x_3)\lambda - y_2 \mod p \\ &= (8 - 11)4 - 5 \mod 13 \\ &= 9\end{aligned}$$

O que é equivalente às coordenadas de P_3 obtidas geometricamente.

Como consequência da operação de adição, pode-se definir a multiplicação de um ponto por um escalar. Se $k \in \mathbb{Z}$ e $P \in E$, então:

$$kP = \begin{cases} O & : k = 0 \\ (-k)(-P) & : k < 0 \\ P + (k-1)P & : \text{otherwise} \end{cases}$$

Definição 7 A *ordem* de um ponto P em uma curva elíptica E é o menor inteiro positivo r tal que

$$rP = O$$

Da álgebra, tem-se que a ordem de um ponto sempre existe e divide a ordem da curva, $\#E(GF(p))$. Além disso, se k e l são inteiros, então $kP = lP$ se, e somente se, $k \equiv l \pmod{p}$.

Pode-se agora definir o logaritmo discreto de um ponto em uma curva elíptica:

Definição 8 Suponha que um ponto G em uma curva E tenha ordem r , onde r^2 não divida a ordem da curva $\#E(GF(p))$. Então um ponto P satisfaz $P = lG$ para algum l se, e somente se, $rP = O$. O coeficiente l é chamado de **logaritmo discreto** de P em relação ao ponto base G .

Uma comparação com o logaritmo tradicional pode ser feita para o entendimento da definição: enquanto $\log_b x$ responde a pergunta de quantas vezes b deve ser **multiplicado** por ele mesmo até que se encontre x , o logaritmo discreto de P trabalha com quantas vezes precisa-se **somar** G até que se encontre P . Mais formalmente, tem-se (TILBORG; JAJODIA, 2011):

Definição 9 Considere uma curva elíptica E e um ponto $P \in E$ de ordem n . Dado um ponto $Q \in \langle P \rangle = \{0, P, 2P, \dots, (n-1)P\}$, o **problema do logaritmo discreto sobre curvas elípticas (ECDLP)** consiste em computar $0 \leq l \leq n-1$ tal que $Q = lP$.

O algoritmo ingênuo para resolver uma instância de ECDLP consiste em computar os múltiplos de P até que se encontre Q , o que pode levar até n adições, impraticável para valores muito altos de n . Atualmente, os melhores algoritmos conhecidos são baseados em variações do método *Pollard's ρ* e executam em tempo $O(\sqrt{n})$ (TESKE, 1998)(WIENER; ZUCCHERATO, 1999).

2.3 ELLIPTIC CURVE DIFFIE HELLMAN

Em 1976, Whitfield Diffie e Martin Hellman publicaram um método para a troca de chaves em um canal inseguro (DIFFIE; HELL-

MAN, November 1976) o qual é baseado no problema do logaritmo discreto de inteiros em $GF(p)$. Embora não forneça autenticação (isto é, A não possui garantias de que está de fato conversando com B^7), ele é a base de protocolos autenticados. Pouco tempo depois, em 1978, a dificuldade da fatoração de números inteiros foi utilizada por R.L. Rivest, A. Shamir, e L. Adleman para atingir o mesmo propósito, no algoritmo conhecido como *RSA* (RIVEST; SHAMIR; ADLEMAN, 1978). Em 1985, dois autores propuseram independentemente o uso de curvas elípticas para a troca de chaves ((KOBLOITZ, 1987), (MILLER, 1986)) com tais métodos se popularizando a partir de 2004⁸.

Descreve-se aqui um dos protocolos padronizados em (IEEE..., 2000), lá referenciado por DL/ECKAS-DH1, ou *Discrete Logarithm and Elliptic Curve Key Agreement Scheme, Diffie-Hellman version*. A e B devem executar os seguintes passos para o estabelecimento de uma chave:

1. Em comum acordo, estabelecer um conjunto de parâmetros do domínio a ser trabalhado: os coeficientes a e b da curva, o número primo p e um ponto G de ordem r .
2. Escolher um número inteiro aleatório s no intervalo $[1, r - 1]$ e computar o ponto $W = sG$. O par (s, W) consiste da chave pública e privada, respectivamente.
3. Obter da outra parte a chave pública W' .
4. Computar $P = sW' = (x_P, y_P)$. x_P será considerado o segredo compartilhado.
5. Aplicar uma função de derivação de chave sobre x_P .

As etapas, embora simples, merecem diversas considerações adicionais. Os parâmetros de domínio não podem ser gerados de forma totalmente aleatória: diversas curvas anômalas precisam ser evitadas por permitirem a simplificação do ECDLP, assim como impõe-se restrições sobre a fatoração de r para evitar o mesmo problema. Tipicamente, utilizam-se parâmetros pré-estabelecidos por padrões, como as

⁷Nenhum dos protocolos apresentados aqui possuirá essa característica, visto que é algo difícil de ser alcançado sem uma Infraestrutura de Chaves Públicas (*Public Key Infrastructure*) previamente estabelecida. Atualmente, isto é feito através de certificados e autoridades certificadoras. Ainda assim, tais protocolos são realistas e são utilizados em versões autenticadas dos mesmos.

⁸Mais recentemente, as pesquisas em algoritmos baseados em Retículos (*Lattices*) ressurgiram, visto que essa é uma classe de algoritmos resistentes a ataques por computadores quânticos, ao contrário daqueles baseados em Diffie-Hellman e RSA.

curvas padronizadas pelo NIST (*National Institute of Standards and Technology*) (BARKER; JOHNSON; SMID, 2007) ⁹.

Ao receber de B o valor W' , A pode utilizar o critério da definição 8 para verificar que W' é, de fato, um múltiplo de G . Nota-se também que, até esse momento, todas as mensagens foram trocadas em um canal inseguro: qualquer adversário pode ter acesso aos parâmetros de domínio, bem como a W e W' (o primeiro é enviado por A para B e o segundo por B para A). Porém apenas A e B conseguem computar facilmente o valor $P = sW' = s'W = ss'G$, assumindo que o problema ECDLP seja, de fato, difícil. Por fim, aplica-se alguma função sobre o valor x_P para gerar uma string k de tamanho apropriado, a qual será utilizada em funções como o AES_k . TBC

⁹Essas curvas foram escolhidas, em teoria, por possuírem características adequadas para o ECDLP e por permitirem implementações eficientes das operações de grupo. Existem, no entanto, algoritmos para gerar parâmetros seguros caso o uso de curvas estabelecidas por organizações seja um inconveniente.

3 TRABALHOS CORRELATOS

REFERÊNCIAS

BARKER, E. B.; JOHNSON, D.; SMID, M. E. **SP 800-56A. Recommendation for Pair-Wise Key Establishment Schemes Using Discrete Logarithm Cryptography (Revised)**. Gaithersburg, MD, United States, 2007.

BLAKE-WILSON, S. et al. **Elliptic Curve Cryptography (ECC) Cipher Suites for Transport Layer Security (TLS), RFC4492**. 2006.

DAEMEN, J.; RIJMEN, V. Aes proposal: Rijndael. 1999.

DIFFIE, W.; HELLMAN, M. New directions in cryptography. **IEEE Trans. Inf. Theor.**, IEEE Press, Piscataway, NJ, USA, v. 22, n. 6, p. 644–654, set. November 1976. ISSN 0018-9448. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1109/TIT.1976.1055638>>.

GOLDREICH, O. **Foundations of Cryptography: Volume 1**. New York, NY, USA: Cambridge University Press, 2006. ISBN 0521035368.

IEEE Standard Specifications for Public-Key Cryptography. [S.l.], Aug 2000. 1-228 p.

KOBLITZ, N. Elliptic curve cryptosystems. **Mathematics of computation**, v. 48, n. 177, p. 203–209, 1987.

LENSTRA, A.; VERHEUL, E. Selecting cryptographic key sizes. In: IMAI, H.; ZHENG, Y. (Ed.). **Public Key Cryptography**. Springer Berlin Heidelberg, 2000, (Lecture Notes in Computer Science, v. 1751). p. 446–465. ISBN 978-3-540-66967-8. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/978-3-540-46588-1_30>.

MILLER, V. Use of elliptic curves in cryptography. In: WILLIAMS, H. (Ed.). **Advances in Cryptology - CRYPTO '85 Proceedings**. Springer Berlin Heidelberg, 1986, (Lecture Notes in Computer Science, v. 218). p. 417–426. ISBN 978-3-540-16463-0. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/3-540-39799-X_31>.

NECHVATAL, J. et al. Report on the development of the advanced encryption standard (aes). 2000.

RACKOFF, C. **Fundamentals of Cryptography**. 2014. University Lecture. Disponível em:
<<http://www.cs.toronto.edu/~rackoff/2426f14/>>.

RESNER, D.; FRÄHLEICH, A. A. Key Establishment and Trustful Communication for the Internet of Things. In: **4th International Conference on Sensor Networks (SENSORNETS 2015)**. Angers, France: [s.n.], 2015. p. 197–206. ISBN 978-989-758-086-4. Disponível em:
<http://www.lisha.ufsc.br/pub/Resner_SENSORNETS_2015.pdf>.

RIVEST, R. L.; SHAMIR, A.; ADLEMAN, L. A method for obtaining digital signatures and public-key cryptosystems. **Commun. ACM**, ACM, New York, NY, USA, v. 21, n. 2, p. 120–126, fev. 1978. ISSN 0001-0782. Disponível em:
<<http://doi.acm.org/10.1145/359340.359342>>.

TESKE, E. Speeding up pollard’s rho method for computing discrete logarithms. In: **Proceedings of the Third International Symposium on Algorithmic Number Theory**. London, UK, UK: Springer-Verlag, 1998. (ANTS-III), p. 541–554. ISBN 3-540-64657-4. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=648184.749879>>.

TILBORG, H. C. A. van; JAJODIA, S. (Ed.). **Encyclopedia of Cryptography and Security, 2nd Ed**. Springer, 2011. ISBN 978-1-4419-5905-8. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4419-5906-5>>.

WENGER, E.; UNTERLUGGAUER, T.; WERNER, M. 8/16/32 shades of elliptic curve cryptography on embedded processors. In: **Proceedings of the 14th International Conference on Progress in Cryptology — INDOCRYPT 2013 - Volume 8250**. New York, NY, USA: Springer-Verlag New York, Inc., 2013. p. 244–261. ISBN 978-3-319-03514-7. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-03515-4_16>.

WIENER, M.; ZUCCHERATO, R. Faster attacks on elliptic curve cryptosystems. In: TAVARES, S.; MEIJER, H. (Ed.). **Selected Areas in Cryptography**. Springer Berlin Heidelberg, 1999, (Lecture Notes in Computer Science, v. 1556). p. 190–200. ISBN 978-3-540-65894-8. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1007/3-540-48892-8_15>.